

RELAÇÕES INTERGENÉRICAS NO EMPREGO DE MARCAS PROVERBIAIS EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR: A HETEROGENEIDADE COMO UM FATOR CONSTITUTIVO*

Glauce de Oliveira Alves¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo sobre o mecanismo das relações intergenéricas existente no emprego de marcas proverbiais em redações de vestibular. O material analisado é composto por sessenta redações do vestibular da FUVEST/2006 (tema *Trabalho*) e de sessenta redações do vestibular da FUVEST/2009 (tema *Fronteiras*). Sob um olhar enunciativo-discursivo, este estudo trata de concepções, tais como: relações intergenéricas, letramento e captação proverbial. Os resultados deste trabalho apresentam contribuições para o ensino da escrita à medida que se concebe a heterogeneidade dos gêneros do discurso como fruto do mecanismo de relações intergenéricas. Nesse sentido, a compreensão desse mecanismo permite a identificação de outros gêneros que compõem o processo de escrita dos estudantes.

Palavras-chave: relações intergenéricas; marcas proverbiais; redações de vestibular.

ABSTRACT: This work aims to present a study in mechanism of intergeneric connections in employment of proverbial brand in college entrance essays. The analyzed material consists of sixty essays of vestibular FUVEST/2006 (theme Labor) and sixty essays of vestibular FUVEST/2009 (theme Borders). Under a discursive-enunciation look, this study deals with concepts such as: intergeneric connections, literacy and proverbial capture. The results present contributions to the teaching of writing as they conceived the heterogeneity of discourse genres as a result of the mechanism of intergeneric connections. In this sense, the understanding of this mechanism allows the identification of other genres that make up the students' writing process.

Keywords: intergeneric connections; proverbial brands; college entrance exam essay.

INTRODUÇÃO

Apresento, neste trabalho, resultados parciais obtidos em minha pesquisa de mestrado, em que realizo um estudo sobre o funcionamento discursivo do que denominei *marcas proverbiais* em textos de pré-universitários. Essa designação foi criada a fim de abranger cinco diferentes formas de apresentação do gênero provérbio encontradas nos textos analisados, as quais não se limitam a remissões a provérbios reconhecidos, mas incluem também enunciados que são constituídos de fragmentos de provérbios, que aludem ao sentido de um provérbio e que apresentam aspectos estruturais e retóricos similares a de um enunciado proverbial sem o serem de fato.

O material analisado é composto por dois conjuntos de sessenta redações dos vestibulares da FUVEST (exame responsável pela seleção de ingresso à Universidade de São Paulo) do ano de 2006 (tema *Trabalho*)² e do ano de 2009 (tema *Fronteiras*)³, totalizando cento e vinte textos. A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa consiste na contradição entre a ocorrência de *marcas proverbiais* na escrita de pré-universitários e as restrições apresentadas, de modo geral, por professores e por manuais de redação em relação ao uso de formas cristalizadas de qualquer espécie (incluindo os provérbios) em redações de vestibular. Ao privilegiar a normatização dos gêneros do discurso por meio de recomendações sobre o que se pensa não ser

* Este trabalho compõe uma pesquisa de mestrado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

¹ Mestra em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: glauce.oalves@gmail.com

² Cf. anexo 1, para ter acesso à proposta.

³ Cf. anexo 2, para ter acesso à proposta.

parte de sua constituição, sem se ater propriamente à qualidade daquilo que eventualmente possa constituí-lo, esse comportamento didático, muito recorrente no ambiente escolar, acaba por pouco considerar o fato de que na produção escrita são rerepresentadas, além de diversas práticas sociais, feições de gêneros do discurso constituintes do convívio de cada escrevente.

Como objeção a essa conduta, sob um olhar enunciativo-discursivo, viso a investigar o mecanismo de relações intergenéricas, contato intrínseco dos gêneros do discurso, existente no emprego marcas proverbiais em redações de vestibular de modo a atestar a heterogeneidade dos gêneros, em especial, do provérbio, não pela variedade genérica, mas pela ausência de uniformidade em sua natureza, ocasionada pelo trânsito por outros gêneros e por diferentes práticas sociais.

Para tanto, em um primeiro momento, discuto a concepção de letramento e seus desdobramentos para a de heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), baseando-me, sobretudo, em Street (2004) e em Corrêa (2001; 2004; 2010). Em seguida, ao reunir características do funcionamento discursivo do provérbio, valendo-me dos estudos de Lysardo-Dias (2004), busco observar seu vínculo com práticas letradas, a fim de pôr em xeque a afirmação recorrente de que esse é um gênero puramente oral. Por fim, ao analisar três categorias de *marcas proverbiais* que fogem às estruturas proverbiais convencionais, verifico o mecanismo de relações intergenéricas instaurado a partir do emprego desses tipos de marcas nos textos de pré-universitários, recorrendo aos trabalhos de Bakhtin (2003), de Corrêa (2006) e de Maingueneau (1997; 2002; 2010).

Letramento: hibridação ou heterogeneidade?

Segundo Kleiman (1995), a concepção de letramento começou a ocupar espaço nos estudos da linguagem com a intenção de distingui-la da noção de alfabetização, atividade que compreende o ensino da leitura e da escrita. Além disso, o conceito de letramento também se confundia com a reunião das capacidades e competências cognitivas relacionadas ao desenvolvimento individual das atividades de leitura e escrita, conceito denominado alfabetismos (cf. ROJO⁴, 2009). Contrariamente a essas duas noções, a de letramento não se refere ao conjunto de habilidades de um indivíduo, mas a práticas coletivas, portanto, imensurável, diferentemente dos alfabetismos.

Nesse campo de estudo, são de grande importância os escritos de Street (2004), os quais iniciam os Novos Estudos do Letramento (NEL), em que me baseio. Essa abordagem se posiciona em defesa de um modelo que compreenda a diversidade das práticas letradas. Denominada modelo ideológico de letramento, essa perspectiva reconhece “as práticas letradas como algo inextricavelmente ligado às estruturas culturais e de poder da sociedade”⁵ (STREET, 2004, p. 88), variando de um ambiente social a outro.

⁴ Agradeço à professora Dra. Roxane Rojo pelas contribuições dadas por ocasião da disciplina *Introdução aos Estudos do Letramento*, ministrada por ela no primeiro semestre de 2012.

⁵ Tradução minha do original “las prácticas letradas como algo inextricablemente ligado a las estructuras culturales y de poder de la sociedad”.

Diante da multiplicidade de letramentos existentes, o autor concebe a noção de “letramentos”, no plural, abarcando tanto as formas dominantes, agenciadas, principalmente, pela escola, quanto às não-dominantes, advindas de outras esferas sociais.

Esses estudos surgem em contraposição ao modelo autônomo de letramento, que associa a escrita a um modo de se alcançar a civilização e o progresso, sustentando a divisa entre o oral e o escrito como forma de hierarquizar culturas e sujeitos. No entanto, Street propõe que práticas orais e escritas não sejam estudadas separadamente, mas segundo seus contatos em contextos específicos. Assim, o que diferenciaria as culturas seriam as diversas maneiras de “misturar” essas práticas e não o seu estado de apropriação da escrita. Embora não anuncie o vínculo intrínseco entre práticas orais e letradas, os estudos de Street permitem compreender que as práticas de letramento pressupõem diversidade de culturas e de outros tipos de prática.

A partir dos estudos desse autor, Rojo (2009) conceitua letramento como o termo que designa “usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos” (ROJO, 2009 p. 98). No entanto, se, por um lado, essa concepção, ao considerar as múltiplas práticas de letramento, não exclui destas as marginalizadas e considera que a participação nas práticas letradas não se restringe a indivíduos alfabetizados, por outro, restringe o letramento a práticas que compreendem somente a escrita alfabética. Essa abordagem Corrêa (2001) denomina “sentido restrito” de letramento.

Para uma noção ampla de letramento, valho-me da perspectiva proposta por Corrêa (2001; 2010) a qual considera “escrita” não apenas em sua configuração alfabética, mas também em suas “formas embrionárias”, tais como gestos e desenhos. Ao considerar diversos modos de realização da escrita, a concepção de letramento defendida pelo autor não exclui a possibilidade de haver práticas letradas em sociedades ágrafas. Além disso, para o autor, letramento não se limita a uma relação direta ou indireta a qualquer tipo de escrita. Em seu “sentido amplo”, letramento também

(...) liga-se ao caráter escritural de certas práticas, presente mesmo em comunidades classificadas como de oralidade primária (aquelas que não tiveram contato algum com a escrita tal como a conhecemos). Esse tipo de registro que aparece nas práticas orais apresenta um caráter de permanência no tempo semelhante ao que normalmente se atribui à escrita. (CORRÊA, 2001, p. 137)

Em outro estudo, fundamentando-se em Street no que se refere à ênfase dada à existência da mescla entre o falado e o escrito, Corrêa (2001) interpreta essa mescla como uma condição constitutiva da escrita: a de se caracterizar pela heterogeneidade. No tocante à relação falado/escrito, o autor se distancia da abordagem que a assume como uma manifestação da heterogeneidade “na” escrita e, portanto, como uma suposta interferência do oral no escrito. Defende a heterogeneidade como própria “da” escrita, fazendo parte, portanto, de sua constituição. A concepção de heterogeneidade da escrita difere, a meu ver, inclusive da ideia de mescla, visto que esta evidencia a existência de fontes puras que se misturam, considerando a possibilidade de um resgate da gênese das práticas, enquanto aquela nega a uniformidade da natureza da escrita, que se revela no seu contato intrínseco com práticas orais.

À relação constitutiva entre os fatos linguísticos do falado e do escrito, Corrêa (2004) vincula a relação constitutiva entre as práticas sociais da oralidade e do letramento. Nesse sentido, juntamente com o autor, assumo a heterogeneidade das práticas sociais que assim se revela nos gêneros do discurso, em oposição à organização dos gêneros (chamados “textuais”) em um *continuum* em que as práticas orais e letradas são apresentadas em ordem gradativa (cf. MARCUSCHI, 2001, p. 42-46).

Em outra perspectiva, García-Canclini (2003) apresenta o termo “hibridação”, em relação ao qual retomo a mesma ressalva feita a propósito da ideia de mescla. O autor privilegia a análise do espaço da modernidade e da pós-modernidade como cenário visível do processo de hibridação. Ele propõe que seja desfeita a divisão entre cultura culta, popular e de massa, uma vez que o contexto moderno e pós-moderno foram atingidos por esse processo de hibridação. Parte-se do pressuposto de que esse processo não se desenvolve de modo neutro nem passivo, atingindo diferentes estratos sociais que dele se apropriam em benefício próprio. Ele não se restringe, portanto, ao contexto religioso ou étnico, mas compreende práticas socioculturais mais amplas. Sendo assim, o espaço urbano, aliado às novas tecnologias e ao multiculturalismo, teria propiciado o encontro e a mistura de práticas e culturas que outrora eram consideradas distintas. Nas palavras do autor:

As culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis e portanto desaparece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das “grandes obras”, ou ser popular porque se domina o sentido dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada (uma etnia, um bairro, uma classe). Agora essas coleções renovam sua composição e sua hierarquia com as modas, entrecruzam-se o tempo todo, e, ainda por cima, cada usuário pode fazer sua própria coleção. (GARCÍA-CANCLINI, 2003, p. 304)

Embora reconheça a importância dos estudos do autor por suas reflexões sobre a noção de hibridação, uma vez que não propõe níveis entre estado de culturas e de práticas, sendo, desse modo, uma entrada para a concepção de heterogeneidade, entendo que aquela noção, no mesmo sentido que a de mescla ou mistura, pressupõe culturas e práticas em estado de pureza as quais, em dado momento, encontram-se para se tornarem, assim, híbridas. Em seu prefácio, escrito em 2001, para a segunda edição da obra *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*, embora seja possível perceber uma busca pela reparação dessa noção de pureza no conceito de hibridação que cito a seguir, ainda se subentende um ponto de início em sua existência separada, o que sugere a ideia de participação numa nova composição e não de constituição sempre heterogênea das práticas e das culturas. No trecho seguinte, pode-se, portanto, ler a ideia de participação (e não de heterogeneidade), mesmo com a ressalva de que as estruturas discretas são resultantes de outros processos de hibridação:

Parto de uma primeira definição: “entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras. (GARCÍA-CANCLINI, 2003, p. XIX)

Pelas razões apresentadas, opto, portanto, pelo emprego da noção de “heterogeneidade”.

Provérbios como prática de letramento?

Precisamente por assumir a heterogeneidade das práticas em sua constituição, explico, de início, que não me comprometo a investigar a gênese oral do provérbio nem mesmo a defendê-lo como um gênero unicamente oral, tomando como base seu meio de transmissão⁶, uma vez que me interessa, primordialmente, analisá-lo a partir de sua configuração discursiva.

Nesse sentido, valho-me do estudo de Lysardo-Dias (2004) que anuncia as peculiaridades que compõem o funcionamento discursivo do provérbio, ao reconhecê-lo como um gênero do discurso. Para a autora, o provérbio, para se tornar gênero, assume a seguinte configuração: insere-se obrigatoriamente em outro gênero, o que proporciona a construção de seu sentido em cada situação de uso, para que, assim, se faça possível seu funcionamento discursivo.

Segundo a autora, por mais que o provérbio aparente apresentar um valor semântico estabilizado, “o quadro situacional no qual está inserido será específico, o que lhe garante um impacto único” (LYSARDO-DIAS, 2004, p. 143), ou seja, uma renovação de sentido em cada instante em que é empregado. Sendo assim, o caráter polifônico atribuído à enunciação proverbial consiste na retomada das enunciações proverbiais anteriores (MAINGUENEAU, 2002), como transbordamento do já-dito, contudo sem fazer com que o provérbio recuperado seja, discursivamente, igual aos anteriores.

Esse comportamento constitutivo do provérbio quando visto como um gênero permite salientar o mecanismo de relações intergenéricas (CORRÊA, 2006), que determina que a constituição de um gênero esteja intrinsecamente relacionada à de outros gêneros. Torna-se inconcebível, então, assumir a existência da pureza genérica, postura defendida por muitos professores em sala de aula ao ensinarem gêneros a partir de um engessamento formal. A desconsideração das relações intergenéricas como característica constitutiva de todo gênero leva, na maior parte dos casos, a interpretá-las somente como interferências indevidas (cf. CORRÊA, 2006, p. 219). Essa dinâmica dos gêneros marcada pelas relações intergenéricas se aproxima do que propõe Lysardo-Dias (2004) sobre o modo pelo qual o provérbio – forma culturalmente cristalizada – se realiza como gênero. Pode-se, assim, dizer que só a partir do estabelecimento de uma relação intergenérica é que a forma cristalizada de fato se consoma como provérbio, na qualidade de gênero do discurso. Nesse novo estatuto, sua cristalização é posta à prova a cada vez que a forma é utilizada, pois, embora sempre reste algo que indique a sua existência, já não se pode mais fiar-se numa cristalização dos seus sentidos. A apropriação de um provérbio por um dado gênero é, portanto, a apropriação da existência prévia do provérbio em sua necessária relação com um outro gênero, fato que complexifica o cruzamento intergenérico no processo de apropriação do provérbio: por um lado, ele se integrará a relações intergenéricas particulares do gênero receptáculo atual; por outro, ele trará consigo pelo menos uma relação intergenérica a partir da qual garantiu sua existência antes desse novo uso⁷.

Além disso, reconheço, a partir dos estudos de Lysardo-Dias (2004), que, no discurso, o

⁶ Em trabalho anterior (ALVES, 2013), assumi o critério da transmissão para classificar o provérbio como prática essencialmente oral. Contudo, ao refletir sobre sua materialização em práticas letradas, percebi a inconsistência dessa proposição.

⁷ Devo essa formulação ao orientador desta pesquisa, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, a quem agradeço.

provérbio é sempre fragmento de outro gênero e somente se faz gênero mediante essa condição. Revela-se, assim, um mecanismo intergenérico particular da constituição do provérbio a título de gênero: na incorporação em outro gênero, apropriando-se do tipo de prática de que se constitui o gênero que o acolhe, o provérbio se realiza como um correlato de linguagem de uma prática social que pode ser, assim, oral ou letrada. Nesse sentido, defendo como critério de delimitação do tipo de prática que constitui o provérbio como gênero não seu modo de transmissão ou sua suposta origem, mas as características discursivas do gênero em que se insere, relativizando-se, então, a suposta constituição genuinamente oral desse gênero. Considerado o envolvimento do material que analiso com a escrita alfabética, restringindo-se, portanto, a uma prática de letramento em seu sentido restrito, nesta pesquisa, o provérbio, na qualidade de gênero, se constitui como prática de letramento.

Na realização discursiva do provérbio, portanto, na qualidade de gênero do discurso, faz-se visível sua natureza heterogênea. Por um lado, devido à necessidade de um gênero receptáculo, transitando, assim, por práticas sociais distintas, orais ou letradas; por outro, devido a seu contato inerente com outros gêneros, o que evidencia sua formulação de relativa estabilidade (BAKHTIN, 2003) — fator constitutivo de todos os gêneros.

Captação proverbial: um meio de constatação das relações intergenéricas

Não compreendo apenas a inserção do provérbio em sua forma integral em outro gênero como um meio de constatação do mecanismo de relações intergenéricas, mas também, outras formas que reconheci nas redações que analiso, tais como as transformações estruturais sofridas pelo provérbio e a criação de enunciados que buscam reproduzir um enunciado proverbial. Destaco, assim, a variedade de formulação do provérbio, tendência favorecida pelas relações intergenéricas do gênero receptáculo, o que evidencia, formalmente, a constituição intergenérica, portanto, heterogênea do provérbio, de onde, segundo o que penso, provém sua dinamicidade estrutural.

Detenho-me na análise das marcas proverbiais que fogem à formulação convencional de um provérbio. A presença dessas marcas proverbiais nas redações se mostrou mais abundante que aquelas em que o provérbio se apresenta integralmente constituído. Esse predomínio pode ser efeito das orientações de professores e de manuais de redação em relação ao emprego de estruturas cristalizadas em redações de vestibular. O escrevente parece, de alguma forma, seguir recomendações dos professores quanto à restrição do uso de provérbios em redações de vestibular, no entanto nem sempre se torna possível controlar a invasão desses saberes cristalizados em seu texto.

Essas marcas proverbiais representam o que Maingueneau (1997; 2002; 2010) denomina *captação proverbial*. Segundo o autor, a captação consiste na modificação ou imitação de um provérbio, buscando conservar as características de um provérbio existente ou as do gênero.

As formas de captação proverbial reconhecidas nas redações se referem aos seguintes tipos de enunciados: a) aqueles em que a estrutura de um provérbio é alterada; b) os que, sem manter a estrutura de um provérbio, aludem ao sentido dele ou de alguma maneira fazem referência a ele; e c) aqueles que, de algum modo, reproduzem a sua forma. A seguir, analiso as

categorias anunciadas com trechos das redações⁸. Apresento para cada uma dessas categorias dois exemplos que se referem, respectivamente, ao material de 2006 (Tema *Trabalho*) e ao de 2009 (Tema *Fronteiras*).

Enunciados proverbiais estruturalmente alterados: a construção modificada

Esta marca proverbial consiste em enunciados em que um provérbio sofre transformações em sua estrutura, geralmente, através do recurso da fragmentação ou da ampliação, com remanejamento de palavras. A seguir, apresento dois exemplos do emprego desse tipo de marca proverbial:

- 1) 3º § *Mas o que podemos perceber é que a insatisfação popular dificilmente é encontrada no **trabalho artístico** que é muito valorizado e **que enaltece o homem**.* (Texto 50, grifos meus, TEMA: *Trabalho*)
- 2) 4º § *Respeitar as pessoas, suas crenças e opiniões é um exercício diário a ser cumprido. É saber que **o limite do outro começa onde termina o nosso**. É respeitar e se possível difundir idéias para romper com as fronteiras entre iguais.* (Texto 36, grifos meus, TEMA: *Fronteiras*)

No exemplo 1, no *trabalho artístico que é muito valorizado e que enaltece o homem*, revela-se uma marca proverbial que, proveniente de *o trabalho engrandece o homem*, mantém clara relação com o diálogo cotidiano, que passa a ocupar um espaço no gênero atual, a redação de vestibular. Sem o respaldo de uma instituição específica que lhe garanta um valor social positivo, essa apropriação é feita de modo a atenuar sua presença. Por exemplo: onde se lia *o trabalho*, lê-se *o trabalho artístico*. Onde se lia *engrandece o homem*, lê-se: *enaltece o homem*. A partir desses dados, pode-se levantar a hipótese de que o uso menos institucionalizado do diálogo cotidiano leva, no seu processo de captação para um gênero altamente institucionalizado, a uma estratégia de atenuação de sua presença. No entanto, apesar da atenuação, o receptáculo de partida do provérbio – o diálogo cotidiano – manifesta-se em alto e bom tom, deixando-se ouvir ao lado de vozes vindas da coletânea, das instruções do exame vestibular e do modo como foi proposto o tema a ser desenvolvido, bem como de outras práticas sociais com diferentes graus de institucionalização discursiva.

No exemplo 2, *o limite do outro começa onde termina o nosso*, apresenta-se uma marca proverbial, proveniente de *Sua/Minha/Nossa liberdade termina onde começa a do outro*. Pode-se notar, em partes, a relação dessa forma de captação proverbial com o tema proposto no exame por meio da reorganização do enunciado proverbial em que se substitui a palavra “liberdade” por “limite”. Além disso, a marca proverbial mantém relação com gêneros mais institucionalizados do espaço jurídico, escolar e familiar. Considerado o evento em que os textos são produzidos, exame vestibular de uma das principais universidades do país, é de se supor que a valoração dos limites entre direitos e deveres, no espaço escolar, é, de fato, o que leva o gênero

⁸ Agradeço à FUVEST por disponibilizar o material para esta pesquisa. Como não é permitida a publicação integral dos textos dos candidatos, apresento trechos das redações sem que a identificação dos autores seja reconhecível e sem prejudicar a qualidade da análise.

aula, em particular a voz do professor, a ocupar um espaço no gênero atual, a redação de vestibular.

Essas construções se revelam, então, como meio de criar uma nova verdade proverbial ou de sustentar uma já cristalizada, a partir da temática discutida em cada uma das avaliações (*Trabalho e Fronteiras*), fundamentando-se na estrutura de um provérbio existente e em outros gêneros oriundos de relações intergenéricas anteriores.

Enunciados que aludem ao sentido de um provérbio: a alusão

A alusão consiste na composição de um enunciado em que há o apagamento quase por completo de uma estrutura proverbial, restando a ele um significado próximo ao atribuído historicamente a um provérbio, ou um enunciado que, de alguma forma, faz referência a um provérbio. Abaixo estão ilustrados dois exemplos de alusão:

- 3) 2º § *Burocratizando-se a teologia, homens trabalhavam em nome de Deus; burocratizando a agricultura, muitos homens tinham vastas terras cultivadas não por eles; burocratizando-se a arte, artistas produziam para determinados grupos. Nessa “nata burocratizada”, deu-se a elite; e, o “resto”, era, normalmente, formado pelos que mais trabalhavam e menos tinham.* (Texto 18, grifos meus, TEMA: Trabalho)
- 4) 3º § *Contudo, deixo aqui a minha perspectiva de um mundo melhor, com menos fronteira entre as pessoas. Fique atento e derrube fronteiras você também, faça o maior número de amigos possível, isso sim é tudo o que tem de precioso na vida, amigos sem fronteiras.* (Texto 94, grifos meus, TEMA: Fronteiras)

O exemplo 3 é composto pelo enunciado em destaque **o “resto”, era, normalmente, formado pelos que mais trabalhavam e menos tinham** que remete ao sentido cristalizado historicamente do provérbio *Trabalho de uns, riqueza de outros*. O escrevente, partindo do já-dito, sustenta sua argumentação de que por um processo histórico desenvolveu uma sociedade economicamente desigual. Observa-se, aqui, por exemplo, um diálogo com um gênero que se realiza na esfera escolar: a aula. Proveniente de relações intergenéricas com esse gênero, reapresenta-se, na marca proverbial em questão, a mobilização da discussão sobre a exploração do trabalho humano em sociedades escravocratas e capitalistas, no último caso, sobretudo, a partir da Revolução Industrial.

No exemplo 4, o fragmento em destaque **faça o maior número de amigos possível, isso sim é tudo o que tem de precioso na vida** é uma alusão ao provérbio “amizade é o bem mais precioso que existe”. Essa alusão pode ser reconhecida, do ponto de vista semântico, por meio da sublimação da amizade, instalada em grau supremo. Essa primazia se identifica, no provérbio de origem, pelo uso do intensificador “mais” e, na alusão, pela expressão “tudo o que tem de”. Essa marca proverbial se inicia com um tom injuntivo, como forma de orientar o leitor a contribuir com a eliminação da intolerância entre os homens. Nessa marca proverbial, pode-se perceber, por exemplo, a sua relação com o diálogo cotidiano ao exaltar a amizade e ao acentuá-la como fator primordial para a melhor convivência entre as pessoas.

Essas ocorrências identificam-se como um recurso para o escrevente, diante da inevitabilidade do já-dito, explorar o valor argumentativo de um provérbio sem a necessidade de

expor a formulação desse gênero nas redações de vestibular, o que indicia um meio de o escrevente seguir as recomendações propagadas nas escolas e nos cursos preparatórios para o exame do vestibular.

Enunciados que reproduzem a estrutura proverbial: a construção semelhante

A construção semelhante corresponde a enunciados em que se reproduzem características do provérbio, tais como composição breve de “ethos” sentencioso — o que lhe confere o tom de verdade universal —, geralmente, constituído por um ritmo específico que resulta, por vezes, de sua construção binária com número igual ou aproximado de sílabas (MAINGUENEAU, 2002). A seguir, apresento trechos em que se exemplifica a construção semelhante:

- 5) 3º § *Sendo assim, a busca pela sobrevivência não deixa lacunas para a divisão e o prazer de desenvolver as atividades para o sustento, da qual torna-se cada vez mais raro o trabalhar por aptidão, pois **aonde o financeiro é o mais importante, nem sempre se sobra tempo para ser feliz.*** (Texto 32, grifos meus, TEMA: Trabalho)

- 6) 4º § *É certo que todos têm uma índole má. O que difere uma pessoa da outra é a sua capacidade de se controlar, de conter esse ímpeto malicioso para não entrar em um “círculo vicioso” que, no fim, poderá prejudicar o mundo em que vivemos, os outros e a si próprio. **O limite da própria violência é cada um que estabelece.*** (Texto 24, grifos meus, TEMA: Fronteiras)

No excerto 5, o enunciado ***aonde o financeiro é o mais importante, nem sempre se sobra tempo para ser feliz*** sintetiza a noção de que cada vez mais as pessoas trabalham em empregos de que não gostam, mas os suportam pelo valor do salário recebido. A estrutura formular desse enunciado aproxima-se a de um provérbio, uma vez que é composta por construção binária de igual número de sílabas poéticas (doze sílabas em cada uma de suas partes: “aonde o financeiro é o mais importante,/ nem sempre se sobra tempo para ser feliz”). Suponho uma relação entre essa marca proverbial e gêneros pertencentes ao espaço familiar do escrevente, em que parentes expressam a insatisfação da incompatibilidade entre profissões consideradas prazerosas (ligadas às artes, por exemplo) e a valorização salarial, fato que não deixa de ser considerado pelo escrevente no momento do exame de vestibular, já que esse evento envolve escolha profissional.

O enunciado em negrito do trecho 6 ***O limite da própria violência é cada um que estabelece*** resgata a noção de que o limite, seja ele o da violência, é demarcado pelo ser humano. Além disso, apresenta estrutura formular próxima a de um provérbio: seu ritmo configura sua construção binária, sendo cada uma de suas partes constituídas por aproximado número de sílabas poéticas (dez sílabas para a primeira parte e oito sílabas para a segunda: “O limite da própria violência/ é cada um que estabelece”). Essa marca proverbial mantém um diálogo com gêneros do espaço familiar, midiático, escolar e científico em que se relaciona o poder de decidir à racionalidade do ser humano.

Nesse sentido, captar a constituição formal do provérbio significa, então, criar uma nova verdade proverbial ou afirmar uma já cristalizada, recorrendo, também, a outros gêneros do convívio do escrevente, a fim de provocar efeitos moralizantes e incontestáveis que um provérbio pode trazer como contribuição para a construção argumentativa da redação de vestibular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste trabalho concebem a heterogeneidade dos gêneros do discurso como fruto do mecanismo de relações intergenéricas constitutivo dos gêneros. Analisei o funcionamento discursivo do provérbio que demonstra sua natureza heterogênea, ora por necessitar de um gênero receptáculo, o que lhe permite transitar por práticas sociais distintas (orais ou letradas); ora por seu contato inerente com outros gêneros, ilustrando a dinamicidade de sua formulação. Nesse sentido, mesmo as formas cristalizadas para se concretizarem como gênero precisam participar de outro gênero, evidenciando que um gênero só nasce em função de relações com outros gêneros. Além disso, foi possível compreender que ao se inserir em um gênero receptáculo, o provérbio carrega consigo algum gênero, do qual participava como elemento das relações intergenéricas.

Por meio das formas de captação do provérbio, observou-se, nas redações analisadas, o trabalho do escrevente que, na remodelação de formas cristalizadas, resgata feições de gêneros de seu convívio, os quais foram receptáculos do provérbio como resultado de relações intergenéricas anteriores. Essas formas de captação proverbial funcionam como um meio de demonstrar a tentativa do escrevente de seguir as recomendações de professores e manuais de redação, uma vez que não utiliza a forma cristalizada, mas reelabora o já-dito, ao mesmo tempo em que mostra a sua reflexão em relação ao gênero proposto na avaliação, a redação de vestibular, ao resgatar a estrutura ou uma verdade de um provérbio para a construção argumentativa de seu texto. Desse modo, ressalto a importância da compreensão das relações intergenéricas na prática escolar como forma de refletir sobre o processo de escrita dos alunos.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003, p. 261-306. ISBN 85-336-1807-7.

CORRÊA, M. L. G. Encontro entre prática de pesquisa e ensino: oralidade e letramento no ensino da escrita. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v. 28, n.2, jul./dez. 2010, p. 225-248. ISSN 0102-5473. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p625/pdf>> Acesso em: 02 jan. 2012.

_____. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: MARCUSCHI, L. A. [et al]; SIGNORINI, I. (org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p.135-166. (Coleção Ideias sobre linguagem). ISBN 85-85725-80-X.

_____. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 309 p. (Coleção Texto e Linguagem). ISBN 85-336-2009-8.

_____. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. In: **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas (SP), IEL-UNICAMP, v. 45 (2). p. 205-224, 2006. ISSN 2175-764X.

GARCÍA-CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003. 385 p. (Coleção Ensaio latino-americanos; 1). ISBN 85-314-0382-0.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola: In: KLEIMAN, A. B. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva na sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-64. ISBN 85 85725-05-2.

LYSARDO-DIAS, D. Características e funcionalidade discursiva do gênero proverbial. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. de. (orgs.) **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 141-152. ISBN 8587470655.

MAINGUENEAU, D. A heterogeneidade. In. **Novas tendências em análise do discurso**. 3 ed. Campinas: Pontes, 1997, p. 75-126. ISBN 85-7113-081-7.

_____. Do provérbio à ironia: polifonia, captação e subversão. In: _____ **Análise de textos de Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 169-178. ISBN 8524907789.

_____. **Doze Conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 207 p. (Coleção Língua[gem] ; 41). ISBN 978-85-7934-014-7.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: MARCUSCHI, L. A. [et al]; SIGNORINI, I. (org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p.23-50. (Coleção Ideias sobre linguagem). ISBN 85-85725-80-X.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 128p. ISBN 978-85-88456-98-3.

STREET, Brian. Los nuevos estudios de literacidad. In: ZAVALA, Virginia; NINÑO-MURCIA, Mercedes & AMES, Patricia (eds.) **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para El Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004, p. 81-99. ISBN 978-9972-835-04-9.

Recebido em: 30/03/2016. Aceito em 20/07/2016.

ANEXO 1. Proposta do vestibular da FUVEST do ano de 2006

REDAÇÃO

Texto 1

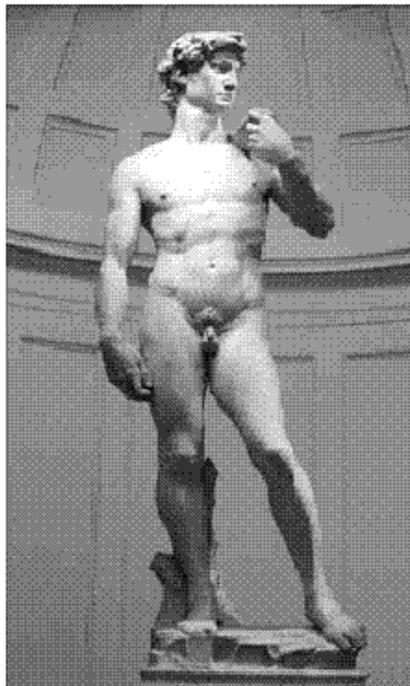
O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.

Adaptado de A. Simões

Texto 2

Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.

M.A. Marques



Texto 3

O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura "David".

Adaptado de site da Internet

INSTRUÇÃO: Os três textos acima apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas idéias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes.

ANEXO 2. Proposta do vestibular da FUVEST do ano de 2009

REDAÇÃO



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Baarle-Nassau_fronte%C3%A8re_caf%C3%A9.jpg, 30/06/2008.

fronteira

substantivo feminino

- 1 parte extrema de uma área, região etc., a parte **limitrofe** de um espaço em relação a outro. Ex.: Havia patrulhas em toda a f.
- 2 o marco, a raia, a **linha divisória** entre duas áreas, regiões, estados, países etc.
Ex.: O rio servia de f. entre as duas fazendas.
- 3 *Derivação: por extensão de sentido.* o fim, o termo, o limite, especialmente do espaço. Ex.: Para a ciência, o céu não tem f.
- 4 *Derivação: sentido figurado.* o limite, o fim de algo de cunho abstrato.
Ex.: Havia chegado à f. da decência.

Fonte: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Adaptado.

As fronteiras geográficas são passíveis de contínua mobilidade, dependendo dos movimentos sociais e políticos de um ou mais grupos de pessoas.

Além do significado geográfico, físico, o termo "fronteira" é utilizado também em sentido figurado, especialmente, quando se refere a diferentes campos do conhecimento. Assim, existem fronteiras psicológicas, fronteiras do pensamento, da ciência, da linguagem etc.

Com base nas idéias sugeridas acima, escolha uma ou até duas delas, como tema, e redija uma dissertação em prosa, utilizando informações e argumentos que dêem consistência a seu ponto de vista.

Procure seguir estas instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação, que deverá ter entre 20 e 30 linhas.